



“Consultório sentimental” da revista *Claudia*: um espaço de discursos de e sobre o amor

Ceres Ferreira Carneiro

Doutora em Estudos da Linguagem
Universidade Federal Fluminense, UFF, Brasil.

E-mail: cerescarneiro@gmail.com

É pós-doutoranda e desenvolve pesquisa junto ao Laboratório de Arquivos do Sujeito (LAS), vinculado ao Instituto de Letras da UFF.

 ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-7431-3881>

Revista Falange Miúda

ISSN 2525-5169

Periodicidade:

Fluxo contínuo

Volume 4

Número 2

Recebido em: 15/08/19

Aprovado em: 04/10/19

Resumo

Pretendemos, a partir das cartas sentimentais (e suas análises) publicadas no “consultório sentimental” da revista *Claudia*, atribuídas às amantes de homens casados, e as respostas dadas a elas, em sua maioria, pela colunista Carmen da Silva, provocar uma reflexão sobre como o amor é diferentemente discursivizado por quem o experimenta (discurso de amor) e por quem o observa (discurso sobre amor). Tivemos como suporte teórico-metodológico a Análise do Discurso de linha francesa, pautada, sobretudo, nos estudos desenvolvidos por Michel Pêcheux, na França, e por Eni Orlandi, no Brasil, para analisar discursivamente as sequências por nos apresentadas, que nos permitiram verificar as diferentes constituições do discurso de e sobre o amor.

Palavras-chave: Análise do Discurso; Amor; Cartas sentimentais.

1 Introdução

*Pergunte pr'o seu Orixá
O amor só é bom se doer
(B. Powel e V. de Moraes)*

Sob a perspectiva da Análise do Discurso de linha francesa e, sobretudo, a partir dos estudos de Michel Pêcheux (1960 a 1980), na França, e de Eni Orlandi, no Brasil, analisamos, em nossa tese (CARNEIRO, 2018), os discursos das supostas remetentes (e, em menor proporção, de destinatários) das cartas publicadas no “consultório sentimental”, da revista *Claudia*, a fim de verificar se as mulheres, envolvidas em triângulos amorosos, na posição de esposa ou de amante, condenam ou punem as rivais ao invés dos companheiros, os pivôs da traição, logo, responsáveis pela transformação da “cena do dois” (BADIOU; TRUONG, 2013) em uma cena do três.

Trazemos, aqui, partes da tese com o intuito de apresentar uma reflexão sobre o **discurso de** amor - produzido pelos sujeitos-consulentes (supostas remetentes das cartas), na específica posição de amante, que participa da trama amorosa como sendo “a outra” de um homem casado e a narra por meio de cartas - além do **discurso sobre** o amor - produzido pelos sujeitos-conselheiras que não participam da trama amorosa, mas a observam à distância e a comentam por meio das respostas dadas às cartas¹.

Embasamo-nos no artigo *Palavras de Amor* (1990), de Eni Orlandi, para discutirmos as diferenças entre o discurso **de** e **sobre**. Após, apresentaremos algumas sequências discursivas recortadas das cartas sentimentais, atribuídas às amantes, publicadas por *Claudia*, tal qual foram apresentadas em nossa tese, para melhor compreendermos a constituição dos discursos **de** e **sobre** amor.

2 O discurso de e o discurso sobre amor

Os discursos de e sobre amor são ambos, ainda que produzidos em diferentes condições de produção (contexto sócio-histórico em que se ambienta o Sujeito do dizer), da ordem do memorável: cada um se remete a e repete esse ou aquele registro inscrito na memória e, reconhecidamente, regularizado. Tanto quem diz do amor quanto quem diz sobre o amor, dizem a partir da memória discursiva na qual e pela qual estão inscritos e sobre a qual não têm controle. A memória discursiva é um saber discursivo (ORLANDI, 2015), permitindo que efeitos de sentidos produzidos, anteriormente e em outro lugar, retomem revestidos pelo invólucro do ineditismo, visto que o sujeito não tem consciência desse movimento (esquecimento nº 1). Os discursos de amor (produzidos, aqui, pelos sujeitos-consulentes) e sobre o amor

¹ Exceto as respostas dadas às cartas publicadas em 1989 e 2008, todas as outras respostas apresentadas neste artigo foram atribuídas à colunista Carmen da Silva

(produzidos, aqui, pelo sujeito-conselheira) são dizeres disponibilizados pelo interdiscurso² “que afetam o modo como o sujeito significa em uma situação discursiva dada” (ORLANDI, 2015, p. 29): são discursos que ressoam de outros discursos em circulação.

O dizer de amor localiza-se entre a paráfrase e a polissemia (ORLANDI, 1998, 2015), o que possibilita a produção de diferentes efeitos de sentidos ainda que o mesmo seja reiterado. Há sempre algo que já foi dito, há sempre uma memória do dizer (paráfrase) já estabilizada sobre o amor, mas também sempre existe a possibilidade do deslocamento, da ruptura de efeitos de sentidos outros, algo que ainda pode ser dito sobre o amor (polissemia): “o que funciona no jogo entre o mesmo e o diferente é o imaginário na constituição dos sentidos, é a historicidade na formação da memória” (ORLANDI, 1998, pp. 14/15). Assim, os dizeres do amor, materializados nas cartas, dizem do amor a partir de uma memória do amor à deriva entre o já-dito e o algo a dizer. Esse movimento de seleção e reprodução do que foi armazenado na memória, entretanto, não se restringe a uma mera restituição de “frases escutadas no passado”: são “julgamentos de verossimilhança sobre o que é reconstituído pelas operações de paráfrase” (SCHERER e TASCETTO, 2003, p. 4).

Os **discursos de amor** são produzidos, segundo Orlandi (1990), por quem está afetado pelo amor, por quem ama. Quando o amor é, pois, subjetivado há um discurso de amor. O “discurso de amor”, cunhado por Orlandi (1990), é, pois, um discurso de quem diz de amor porque o está experimentado, porque fala do lugar de quem ama. Discursar do amor é afligir-se, retorcer-se, dizer o indizível, o não compreendido, o pouco representável, é tentar decifrar o indecifrável, é se posicionar sobre algo do qual não se entende: é, por si só, um sacrifício. O discurso de amor funcionaria como o “lugar em que a mulher conforma (elabora) isso a que chamamos sua sensação de amor, o espaço de sua afetividade (...) um espaço privilegiado de textualização da relação da mulher com a sua subjetividade”³ (ORLANDI, 1990, p. 84).

Trazemos parte da carta atribuída à esposa⁴ (interlocutora em A), cuja resposta apresentaremos a seguir, para verificarmos como o discurso de amor, produzido por quem ama, é da ordem da dúvida, da dor, da instabilidade, do sofrimento, do remoer-se.

SD⁵1: Uma palavra que me oriente nesta situação tão velha quanto o mundo, mas dolorosa para mim: meu marido me engana e não tem a menor delicadeza em disfarçar. [...]

² Orlandi (2015) diz que a memória funciona como um interdiscurso, o que nos sugeriu tratar memória discursiva e interdiscurso como conceitualmente semelhantes.

³ Tomamos a liberdade de substituir a palavra “homem”, do texto original, pela palavra “mulher”, considerando termos somente mulheres como sujeito dos discursos a serem analisados nesta subseção.

⁴ Doravante, todas as sequências discursivas apresentadas serão recortadas de cartas atribuídas às amantes.

⁵ SD é a forma abreviada de sequência discursiva.

Depois das minhas zangas, encerro o assunto, e só Deus sabe como sofro, faço por viver como se nada houvesse acontecido...

(Seção Claudia responde, Ano 3, nº 22, p. 05, julho de 1963, grifo nosso.)

Os **discursos sobre** o amor partem de poetas, de filósofos, de romancistas, de psicólogos, enfim, de qualquer um que se aventure, funcionando como um já-dito a ser retomado nos discursos de amor. Os discursos sobre o amor são de quem mantém alguma distância do objeto amor, de quem não diz enquanto amado ou amante, mas de quem assiste e interpreta, de quem aponta diversos e diferentes processos de significação do amor (ORLANDI, 1990) produzidos em diferentes condições de produção. O discurso sobre não só acompanharia as mudanças como também se ressignificaria de acordo com elas, interferindo nas imagens a serem formadas sobre o amor: “falar SOBRE o discurso de amor parece bem mais fácil, pois já é colocar-se na possibilidade de um olhar de outro lugar, o da explicação de um processo de significação” (ORLANDI, 1990, p. 01).

Trazemos parte da resposta do sujeito-conselheira (interlocutora em B), distante, dizendo, portanto, “de outro lugar”, dada a uma suposta esposa traída (interlocutora em A), para observarmos que as palavras soam como uma “receita”⁶ fácil de como o sujeito-consulente deve proceder para alcançar a vitória no jogo do amor.

SD2: Não procurá-lo com subserviência nem evitá-lo como uma adolescente arrufada: manter as relações com naturalidade. E, principalmente, não dar muita atenção as suas gabolices.

(Seção Claudia responde, Ano 3, nº 22, p. 05, julho de 1963.)

As cartas que compõem nosso *corpus* seriam, assim, narrativas de quem sofre de amor, ou pela falta dele (discurso de amor) e suplicam conselhos (discurso sobre o amor) de quem observa à distância e que, conforme nos diz Orlandi (1990), ocupa uma posição bem mais confortável.

3 As análises

Trazemos análises de sequências discursivas recortadas de seis cartas que, entre outras, compuseram o *corpus* de nossa tese. Estas cartas foram atribuídas a mulheres em posição de amante e fazem referência direta ao amor ou ao amar, sendo, em nosso entendimento, um **discurso de** amor. Trazemos também algumas

⁶ Refiro-me à receita, tal qual trazida por Rebelo (2017, p. 70) como “um passo-a-passo a ser seguido”, atrelado ao uso do imperativo, para se alcançar os objetivos pretendidos.

sequências discursivas recortadas das respostas que *Claudia* deu às cartas, porque entendemos nelas conterem um **discurso sobre** o amor, considerando que o sujeito-conselheira⁷, ao contrário dos sujeitos-consultentes, ocupa um lugar distanciado da trama amorosa, não experimenta, portanto, naquela condição de produção, o amor.

Embasamo-nos no conceito de “comentário”, trazido por Foucault ([1970] 2000), para conceder à resposta dada por B um estatuto menor, colocando, assim, B como interlocutora coadjuvante. O autor nos diz que entre o texto primeiro (carta, em nosso caso) e o texto segundo (resposta, em nosso caso) há um “desnível”, ainda que o segundo seja “solidário” ao primeiro. O texto primeiro, reitera o autor, paira acima e, por isso, dá ao outro “a possibilidade aberta de falar” (p. 26), sem que o comentário não tenha outro papel “senão o de dizer enfim o que estava articulado silenciosamente no texto primeiro” (p. 26), funcionando como uma repetição disfarçada dele. Desta forma, as respostas nos servem como um suporte, um dizer adjacente e foram recuperadas à medida que contribuíram para as análises. Assim sendo, o **discurso sobre** o amor funcionará como um “comentário” (FOUCAULT, [1970] 2000), ou seja, um texto segundo que se refere ao discurso de amor.

“Indecisa”

SD3: Filha de família muito católica (...) me apaixonei por um homem casado.

SD4: Diversas vezes nos afastamos, porém foi tudo inútil.

SD5: Será esse amor pecaminoso?

(Seção Claudia responde, Ano 4, nº 34, p. 05, maio de 1964)

Já no início da carta, o sujeito-consultente marca, como uma espécie de apresentação, sua filiação: pertença a uma “família muito católica” (SD3). O advérbio de intensidade “muito” nos diz que o catolicismo da família vai para além de uma convenção social da época. Sentidos já cristalizados, atestando a presença de um já-dito sobre o que é pecado, emergem na pergunta feita à interlocutora em B: “Será esse amor pecaminoso?” (SD5). A interlocutora em B diz:

SD6: Não creio que seja possível a felicidade baseada na vacilação e no senso de culpabilidade [...]. Desafiar a própria opinião é uma espécie de suicídio psicológico e moral.

⁷ As sequências das respostas apresentadas dadas às cartas, aqui apresentadas, foram atribuídas a colunistas mulheres (Carmen da Silva e outras), portanto, optamos pelas referências “sujeito-conselheira” ou “interlocutora em B

A filiação da interlocutora em A⁸ a uma formação discursiva – “aquilo que em uma formação ideológica dada determina o que pode e deve ser dito” (ORLANDI, 2015, p. 43) – católica faz materializar um discurso do sagrado, textualizando sua relação com o divino (ORLANDI, 1990), tornando o saber produzido no seio da Igreja Católica como dominante, porque representa o domínio desta memória em detrimento de outra no complexo de formações discursivas (FD). A filiação à FD católica seria, assim, um impeditivo para a continuidade da relação a três.

O fato de se apaixonar por um homem que já pertence à outra seria pecado, tal qual descrito no décimo mandamento bíblico: “não cobiçar as coisas alheias”, corroborando a inserção do sujeito na FD católica. As “diversas” e inúteis (SD4) tentativas de romper com o amante se dá pelo medo de estar cometendo um pecado e, por isso, ser punida. O sofrimento é proveniente do conflito entre viver o amor ou viver em pecado. Sofre porque ama “um homem casado” (SD5), um amor fadado à incompletude. O amor justificaria a traição as suas convicções: ama tanto que trai a si própria. E esse amor, porque atrelado ao pecado, não traz felicidade, é um amor fadado ao sofrimento.

“Entre o sim e o não”

SD7: Amo um rapaz de 29 anos, casado, pai de duas crianças.

SD8: Queremos viver juntos mais é praticamente impossível por causa dos filhos dele e seria um escândalo na minha família.

SD9: Estamos, portanto, num dilema tremendo.

(Seção Caixa Postal intimidade, Ano VI, n° 58, pg. 08, julho de 1966)

Na primeira SD (7), a interlocutora em A marca, em seu dizer, o amor “praticamente impossível”, porque o sente por um homem “casado” e “pai de duas crianças”. Os verbos querer e estar, ao serem trazidos na 1^a pessoa do plural, incluem o amante na cena discursiva, marcando “a presença de dois no discurso de um” (ORLANDI, 1990, p. 87): ambos querem viver juntos, mas estão em um “dilema tremendo” (SD9) por “causa dos filhos dele” (SD8). Retornam já-ditos formulados no patriarcado de que um pai de família honrado não deixa seus filhos e nem desfaz sua família, afinal, segundo Nolasco (1995), “homem, masculino e pai são qualificações que definem um modo de inserção do sujeito na cultura da qual ele faz parte” e “juntas definem um padrão de comportamento a ser seguido” (p. 46) por ele.

O “escândalo” (SD8), decorrente do fim de um casamento e início de outro, se daria porque as condições em que tais sentidos foram produzidos se baseiam em preceitos católicos, tradicionais e conservadores de que “o que Deus uniu o homem

⁸ Considerando o conceito de formação imaginária, cunhado por Pêcheux [1969] 2014), nos referimos sempre ao sujeito-consulente como interlocutora em A e ao sujeito-conselheira como interlocutora em B.

não separa”, hegemônico entre a classe média brasileira durante a década de 1960, período esse anterior à legalização do divórcio.

O sujeito-consultante sofre pelo amor impossível, sem deixar de vivê-lo. Sofre porque vive seu amor, na clandestinidade, com um homem que, por já pertencer a uma família, encontra-se impossibilitado de formar outra família com ela. Um amor também incompleto, mas só “praticamente” (SD8), vocábulo corriqueiramente utilizado não como uma oposição à “teoricamente”, mas como ‘quase totalmente’, tendo, pois, seu sentido transferido, deslizado pelo efeito metafórico (PÊCHEUX, [1969] 2014) que nos deflagra uma possibilidade ínfima, uma esperança em viver o amor em sua completude. O amor justifica toda a dor causada pela traição do homem, em relação à esposa, e dela, em relação a sua família.

“A outra: mais um depoimento”

SD10: Sou outra de amor à conta gotas.

SD11: Amo com dedicação e recebo amor da mesma forma.

SD12: (...) é tão lindo amar.

SD13: (...) sou humana e sofro sua ausência como qualquer mulher que ama.

SD14: Mas prefiro ser um pouco feliz a tentar ser muito feliz em troca do sofrimento de três criaturas.

SD15: Deus nos deu o direito de amar e nós nos amamos. Não deve ser pecado, desde que não causemos sofrimento aos outros.

(Seção Caixa Postal, Ano IX, nº 91, p. 06, abril de 1969)

A interlocutora em A, porque é a “outra”, vive um “amor à conta gotas” (SD10), um amor em pequenas doses, o que a leva ao sofrimento, pois a presença ‘contada’ do amante, a presença ausente dele a deixa “pouco feliz” (SD14). Afinal, como nos lembra Orlandi (1990), “o trabalho de amor é trabalho de sentidos: nele o já-lá e a falta se elaboram em suas fronteiras” (p. 80). Mas, ainda assim, amar “é tão lindo” (SD12), é divinal (“Deus nos deu o direito de amar” – SD15) é “dedicação” (SD11): ama o amor. Barthes (2003), por exemplo, defende que não se ama o outro, mas o amor em si.

O sujeito-consultante, também filiado a uma FD católica, acredita se retirar da posição de pecadora por não exigir que o amante se separe da família e por manter o caso extraconjugal em sigilo. Abre mão de ser “muito feliz” (SD14) para evitar o sofrimento de “três criaturas” (SD14) - provavelmente, a rival e seus dois filhos - que, junto ao marido, constituem um exemplo de família nuclear (ARIÈS, 1981).

Permitimo-nos, a partir de uma analogia feita com o funcionamento do amor à pátria, reflexão feita, por Orlandi, em *Terra à vista* (2008), discorrer sobre o amor à religião. A religião (assim como o Estado) tem, a nosso ver, o silêncio como uma das

formas de exercício de poder; silêncio este legitimado pelo poder do amor do sujeito à religião, tornando-o vulnerável e sufocando os modos com que ele “pensa, deseja, critica, resiste” (p. 65) e, em nosso exemplo, se submetendo à eterna condição de outra amordaçada e coadjuvante na cena do três. Em seu dizer, ela afirma que sofre resignadamente por amar à “conta gotas” (SD10). Ama abnegadamente.

Na SD15, são projetadas imagens da rival que passam a justificar a eterna condição de amante, sua condescendência ao fato de ser a outra para sempre, pois o imprescindível, para não ser pecadora, é não causar sofrimento, ressignificando, assim, o sentido de pecado. Logo, o sujeito-consulente diz a partir do dizer imaginado da rival (ORLANDI, 2015), assume uma posição de onipotência ao se colocar no lugar de alguém capaz de isentar o sofrimento de “criaturas” (SD14) com as quais jamais conviveu.

O verbo amar na 1ª pessoa do plural traz o amante para a cena discursiva: se amam (porque são autorizados por Deus) e são por ele (Deus) perdoados, porque não se causando “sofrimento aos outros” (SD15), não há pecado. O emprego do verbo no plural tem o mesmo funcionamento do emprego do nós: incluir a voz do amante a sua, inserindo o dizer do outro no dizer do um, tornando as vozes uníssonas ou uma espécie de “eu” amplificado (INDURSKY, 1992).

“Ela está angustiada com suas fantasias”

SD16: (...) conheci um rapaz com quem me correspondo até hoje.

SD17: Só o vejo uma vez por ano.

SD18: (...) diz que me ama, mas vive com outra mulher.

SD19: Não consigo aceitar o fim desse amor.

(Seção Claudia responde. Ano XVII, nº 203, p. 04, agosto de 1978)

Nestas sequências discursivas, observamos o amor idealizado, não-carnal. O sujeito-consulente ama e diz ser amada por alguém que encontra “uma vez por ano” (SD17). Ama à distância. As cartas de amor que trocam funcionam como elementos que a aproximam do amante: ama o que ele diz, ama o que lê, afinal, “toda carta é, por si só, um ato de presentificação, pois, ao escrevermos, nos inserimos em um movimento em direção à presença que queremos e que nos falta” (ROCHA, 2017, p. 124), compensando, a princípio, a inevitável ausência.

Como nos lembra Orlandi (1990), a “fantasia intervém” no discurso de amor e, por isso, ele “tem uma relação muito frouxa com o discurso da objetividade histórica” (p. 90). É um discurso formulado em outras bases, ratificado pelo discurso da interlocutora em B (Carmen da Silva) ao responder à interlocutora em A:

SD20: Você é otimista, ao dizer que não tem futuro com ele. Na verdade, não tem sequer o presente, porque o homem com o qual se corresponde não passa de um destinatário das cartas em que você extravasa sua fantasia.

Ama um homem casado, o que representaria o “fim desse amor” (SD19), mas o fim é inaceitável. Ama o amor que sente por um homem com o qual não convive. A presença do outro é fisicamente ausente. Ama o homem idealizado e não materializado. Romantiza uma relação que, pelas características (“só o vejo uma vez por ano” – SD17, “vive com outra mulher” – SD18), sequer se configura em uma relação. Ama uma fantasia.

“Célia B. Itu/SP”

SD21: Deixei tudo – meu sonho de véu, grinalda, casa e filhos
– por amor a um homem casado

SD22: Ele diz que me ama, mas não pretende abandonar sua
família

SD23: (...) não consigo esquecê-lo

SD24: O eu devo fazer para ele ficar comigo?

(Seção Claudia responde, Ano 29, nº 333, ps. 200/1, junho de 1989)

Na primeira SD (21), a interlocutora em A, em seu dizer, descreve o sacrifício ao qual se impôs em nome do amor: “deixei tudo”. O “tudo” representa os anseios da boa-moça: casar de véu e grinalda, ter uma casa e constituir uma família. Ressoam sentidos cristalizados sobre o ideal de felicidade, construídos a partir de identificações imaginárias, “compatíveis com sua condição de mulher” (KEHL, 1998, p. 140): boa dona-de-casa e mãe, considerando que, no final da década de 1980 (data de publicação da carta), outros ideais faziam parte da agenda da mulher brasileira de classe média. O deixar “tudo” nos remete a uma cobrança, pois, ao fazer tamanho sacrifício, está interdito⁹ que o amor precisa ser reconhecido e recompensado.

Marca o espaço do amante colocando-o, ainda que distante, como interlocutor. Ao trazer o dizer dele (“ele diz que me ama”- SD22), entretanto, produz um sentido diferente no seu próprio discurso: cria, assim, pela alteridade, uma aparência de unidade (AUTHIER-REVUZ, 1998). O amor que diz (heterogeneidade mostrada) sentir o amante por ela, porém, não é suficiente para ele “abandonar sua família” (SD22). O verbo “abandonar”, ao ocupar o lugar da palavra divorciar, por exemplo, produz sentidos outros porque “abandonar” significa diferente de divorciar, por exemplo, e, afinal, são essas “relações de metáfora (realizadas em efeitos de substituição, paráfrases, formação de sinônimos)” (ORLANDI, 2015, p. 42) que permitem o sentido existir. O amante, para se casar com ela, não precisaria desamparar, deixar à própria sorte a família, apenas se separar da esposa. O uso do verbo “abandonar”, por meio

⁹ Trazemos o interdito como fundador e constituinte do discurso, atuando como um impeditivo do se dizer tudo, possibilitando ao leitor (em nosso caso) completar o que ficou por dizer, pois “o dizer é sempre faltante, é sempre meio-dito, dito no meio, dito pela metade: inter-dito” (TFOUNI: 2013, p. 40).

de uma memória discursiva, ressignificaria o fim do casamento como algo grave, perverso, condenável e, por isso, algo a ser evitado.

Apesar de não haver boa perspectiva (“não pretende abandonar sua família” – SD22) de seu sacrifício ser recompensado pelo casamento, ela não consegue esquecê-lo e suplica à interlocutora em B, uma ‘receita’ de como agir para que o amante se separe da esposa e fique com ela: “O que eu devo fazer para ele ficar comigo?” (SD24). Como nos traz Rebelo (2017), as revistas femininas produzem, comumente, discursos didatizantes, funcionando como uma ‘manual’ de como a leitora deve agir para atingir seu objetivo, levando a interlocutora em A a solicitar, diretamente, um passo-a-passo de como fazer para tornar o amante marido, pois, precisa de reciprocidade, precisa que a cena seja apenas dela e dele. A interlocutora em B, contrariando as expectativas da interlocutora em A e desconstruindo um padrão dos discursos produzidos pelas revistas femininas, diz:

SD25: Esse relacionamento não tem futuro. (...) Não se engane:
ele está levando vida dupla, a estrutura funciona
perfeitamente. Você é que não percebe isso.

Em seu dizer de espectadora da trama amorosa, refere-se a uma das características preservadas do sistema patriarcal em que há permissividade com a prática da bigamia, fazendo com que ela ainda seja moralmente aceita (AGUIAR, 2000).

“Amor impossível”

SD26: Namorei por três anos um homem casado.

SD27: Me afastei, mas após dez anos, casada e com dois filhos
(...) voltamos a nos encontrar.

SD28: Estou infeliz porque o amo, mas é uma relação
impossível por causa de nossas famílias.

(Seção Relações Delicadas. Ano 47, nº 04, p. 83, abril de 2008)

Trazemos a interlocutora em A como sujeito-consultante, apesar de ela ser casada, porque o discurso de amor, por ela produzido, recai sobre o amante e não sobre o marido.

Destacamos o prefixo “in” como marcas da negação ao amor, materializada na SD28, pois, conforme Fedatto (2016), “a negação linguística é formulada por meio de diversos marcadores”, incluindo “prefixos como i-, in-, a-, an-, dis-, des- (p. 32). O amor causa in-felicidade pela in-possibilidade de ser vivido na sua totalidade: o negativo surge, assim, “como o inverso simétrico e intercambiável de um positivo” (idem, p. 28), significando e produzindo efeitos de sentido.

Em seu dizer, a interlocutora em A rompe o caso porque o amado era casado: a cena do três não lhe era conveniente (“namorei” – SD26, “me afastei” – SD27). Entretanto, após dez anos, eles reatam (“voltamos a nos encontrar” – SD27), sem que o motivo que levou, no passado, o romance ao fim (ele ser “casado”) tenha deixado de existir: mas amar um homem casado continua a deixando “infeliz”. O amor justifica os infortúnios da relação com um homem casado.

O divórcio de ambos não é cogitado. O casamento de uma e de outro surge como um empecilho à união dos amantes, levando-os a uma relação clandestina. Em 2008, ano de publicação da carta, ressoam dizeres, sobre o casamento como algo indissolúvel pela dor que causaria à família (“é uma relação impossível por causa de nossas famílias” – SD28): ela prefere sofrer a causar sofrimento. Os desejos e os interesses da família são primordiais em relação aos desejos e interesses dos amantes. O sofrimento, assim, é inevitável, porque ocorre tanto pela permanência do caso quanto pelo seu rompimento. O amor causa a infelicidade porque parece impossível, mas, conforme diz a interlocutora em B,

SD29: A relação não é impossível, tanto é que está ocorrendo.

O modelo antigo de casamento indissolúvel e sem amor é perpetuado pelo sujeito-consulente, inviabilizando a imaginária felicidade que seria ter o amante como marido.

4 Para finalizar

O amor foi (e é) discursivizado em diferentes condições de produção e sentidos que atrelam o amor romântico à felicidade foram e são regularizados: “é impossível ser feliz sozinho”, escreveu Tom Jobim, marcando uma incompletude do sujeito que não vive o amor a dois. Entendemos que, ao dizer do amor, os sujeitos-consulentes, em posição de amante, projetaram imagens do amor e, a partir, dessas imagens, construíram (ou desconstruíram) suas relações afetivas. O lugar que cada (suposta) consulente atribui a si e ao outro, as imagens que fazem do seu lugar o do lugar do outro, assim como as condições de produção interferiram nos processos discursivos e produziram diferentes conceitos de amor e formas ‘ideais’ de amar, afinal, “as circunstâncias do discurso” (PÊCHEUX e FUCHS, [1975] 2014, p. 82) são imprescindíveis na constituição do dizer.

Todo discurso, inclusive o discurso de/sobre amor “se delinea na relação com outros discursos (...) que se alojam na memória (ORLANDI, 2015: p. 41): sujeitos interpelados por discursos sobre o amor, discursam do amor. Ao trazermos cartas de amor e suas respostas, apresentamos, respectivamente, um discurso de e sobre o amor em funcionamento, que produz sentidos e significa diferentemente. Marcamos a diferença entre o discurso de e sobre o amor porque entendemos serem os discursos

dos sujeitos-consultantes (interlocutora em A), materializados nas cartas sentimentais, um discurso de amor: são relatos de quem sofre de amor, de quem experimenta o amor, de quem é amante, contrapondo-se ao discurso sobre o amor materializado nas respostas dadas às cartas sentimentais pelo sujeito-conselheira (interlocutora em B), ou seja, por quem ocupa um lugar à parte da trama amorosa, sendo dela, portanto, espectadores.

Durante o procedimento de análise das sequências recortadas, procuramos, em nosso gesto, observar algumas regularidades sobre o dizer do amor. Percebemos ser o **discurso de** amor um discurso de sofrimento, de infelicidade, porque a sua realização é da ordem da incompletude, do imaginário. Ao não se realizar completamente, causa dor, porque há sempre, por parte do sujeito do discurso, um desejo do algo a mais, não permitindo que o amor seja vivido em sua plenitude. E esse desejo irrealizável faz quem diz do amor se manter nele, muitas vezes, à custa de subjugação e humilhação. Já o **discurso sobre** o amor, por ser formulado por quem ‘assistir’ à trama amorosa é marcado pela negação do dizer de quem a vive. O sujeito-conselheira (interlocutora em B), por dizer de outra posição, nega o dizer do sujeito-consultante (interlocutora em A), evidenciando um outro olhar sobre a relação a três, conforme observamos nesses fragmentos: “não creio” (SD5); “não tem sequer o presente” (SD19); “não tem futuro”, “não se engane” (SD 24); “não é impossível” (SD28). O advérbio de negação atua como “um marcador de tensão” (FEDATTO, 2015, p. 96), pois não marca o que é, mas o que não é, funcionando “como um questionamento metalinguístico” (IDEM, p. 96), como uma oposição ao dizer do sujeito-consultante. Ao discursar sobre o amor, a interlocutora em B se opõe ao dizer da interlocutora em A, desestabilizando, assim, sentidos regularizados no discurso de amor.

Referências

- AGUIAR, N. *Patriarcado, sociedade e patrimonialismo: sociedade e Estado*. Brasília, v. 15, n. 2, p. 303-330, 2000.
- ARIÈS, P. *História Social da Criança e da Família*. Rio de Janeiro: LTC Editora, 1981.
- AUTHIER-REVUZ, J. *Palavras incertas – As não-coincidências do dizer*. Campinas: Editora da UNICAMP, 1998.
- BADIOU, A. e TRUONG, N. *Elogio ao amor*. São Paulo/SP: Martins Fontes, 2013.
- BARTHES, R. *Fragmentos de um discurso de amor*. São Paulo/SP: Martins Fontes, 2003.
- CARNEIRO, C. “A culpa (não) é da outra”? O discurso sobre triângulos amorosos no “consultório sentimental” da revista *Claudia*. Tese de doutorado. UFF/Niteroi, 2018.
- FEDATTO, C. *Sobre as possibilidades de negação na imagem e alguns desdobramentos teórico-analíticos*. Revista Latinoamericana de Estudios del Discurso, [S.l.], v. 15, n. 2, p. 27-37, jun. 2016. ISSN 2447-9543.
- FOUCAULT, M. [1970]. *A ordem do discurso*. São Paulo/SP: Edições Loyola, 2000.
- INDURSKY, F. *A fala dos quartéis e as outras vozes: uma análise do discurso presidencial da Terceira República Brasileira (1964-1984)*. Tese de doutorado, 1992.
- KEHL, M. R. *Deslocamentos do Feminino: a mulher freudiana na passagem para a modernidade*. Rio de Janeiro/RJ: Imago, 1998.
- NOLASCO, S. *O mito da masculinidade*. Rio de Janeiro/RJ: Rocco; 1995.
- ORLANDI, E. P. *Palavra de Amor*. Caderno de Estudos Linguísticos de Campinas, (19): 75-95, jul/dex, 1990.
- ORLANDI, E. P. *Paráfrase e polissemia: a fluidez nos limites do simbólico*. Rua: Campinas/SP, 4:9-19, 1998.
- ORLANDI, E. P. *Terra à vista, discurso do confronto: velho e novo mundo*. Campinas/SP: Editora: Unicamp, 2008.
- ORLANDI, E. P. *Análise de Discurso: princípios e procedimentos*. Campinas/SP: Pontes, 2015.
- PÊCHEUX, M e FUCHS, C. [1975] *A propósito da Análise Automática do Discurso*. In: GADET & HAK (orgs.). Por uma análise automática do discurso. Campinas: Ed. Unicamp, 2014.
- PÊCHEUX, M. [1969] *Análise Automática do Discurso*. In: GADET, F. & HAK, T.(org.). Por uma análise automática do discurso. Campinas, SP: UNICAMP, 2014.
- REBELLO, A.C.T. *Mulher de Nova, Mulher de Fases: o jogo da vida nas páginas de Cosmopolitan Brasil*. Dissertação (mestrado) – Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Centro de Educação e Humanidades, Instituto de Letras. Rio de Janeiro-RJ: [s.n.], 2017.
- ROCHA, V. M. da. *Por um protocolo de leitura do epistolar*. Niteroi/RJ: Eduff, 2017.
- SCHERER, A. E.; TASCHETTO, T. R. *O papel da memória ou a memória do papel de Pêcheux para os estudos linguísticos-discursivos*. In: I Seminário de Estudos em Análise de Discurso: Michel Pêcheux e Análise de Discurso uma relação de nunca acabar, 2003, Porto Alegre?RS: Editora do IL UFRGS, 2003. v. 01. p. 40-42.
- TFOUNI, F. E. V. *Interdito e silêncio: análise de alguns enunciados*. Volume XVI, número 1, p. 39-56. Rio de Janeiro/RJ: Ágora, 2013.

“Sentimental offices” of magazine Claudia: a space for discourse from and about love

Revista Falange Miúda

ISSN 2525-5169

Periodicity:

Fluxo contínuo

Volume 4

Number 2

Received in: 15/08/19

Approved in: 04/10/19

Abstract:

We intend, from the sentimental letters (and their analyzes) published in “sentimental offices” of the women’s magazine Claudia, attributed to lovers of married men, and the answers given to them majority by columnist Carmen da Silva, to provoke a reflection on how love it is differently discursivized by those who experience it (discourse from love) and those who observe it (discourse about love). We had as theoretical-methodological support the Discourse Analysis of French line, based, above all, in the studies developed by Michel Pêcheux, in France, and by Eni Orlandi, in Brazil, to discursively analyze the sequences presented by us, which allowed us to verify the different constitutions of the discourse from and about love.

Keyword:

Discourse Analysis; Love; Sentimental letters.